

CRÔNICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tayana Andressa de Sousa Barbosa¹

RESUMO: Transitando entre a literatura e o jornalismo, a crônica, ainda hoje, divide muitas opiniões entre os estudiosos que se aventuram em pesquisas sobre esse gênero. Sobre sua linguagem leve e cotidiana, sobre seu caráter anfíbio e sobre sua mudança de suporte não há o que discutir, embora não se queira aqui esgotar trabalhos outros sobre esses aspectos. Contudo, o que se pretende com este trabalho é buscar como se formou historicamente esse gênero tão híbrido e de difícil classificação. Além disso, pretende-se problematizar ainda mais as consonâncias e dissonâncias que permeiam esse gênero que não se formou grande, mas cresce nas penas de cada autor. Como ponto de partida, observaram-se estudos significativos sobre a crônica, como o famoso ensaio *A vida ao rés do chão*, de Antonio Candido; *A Crônica*, de Jorge Sá; e *Crônica*, de Massaud Moisés para, assim, entender como cada autor buscou sistematizar esse tipo de texto.

Palavras-chave: Crônica; formação histórica; problematização do gênero.

CHRONIC: A FEW CONSIDERATIONS

ABSTRACT: Transiting between Literature and Journalism, the Chronicle has divided opinions among scholars who venture into researching that literary genre. About its light and daily language, its amphibious character and its change of support, enough has been written and said, even though it's not our purpose to run out other works on these aspects. Nevertheless, what is intended with this work is to investigate the historical formation of that genre, so hybrid and difficult to classify. In addition, we intend to further discuss the consonance and dissonance that permeate this genre, which is not traditionally as prestigious as other ones, but has gathered the attention of authors who could offer great pieces of work. As a starting point, we investigated significant studies on Chronic, like the famous essay *A vida ao rés do chão*, by Antonio Candido; *A Crônica*, by Jorge Sá and *Crônica*, by Massaud Moisés, in order to understand how each of these authors sought to systematize that literary genre.

Keywords: Chronic; historical formation; genre debate.

¹ Possui Graduação em Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa (2010) e Mestrado em Estudos literários pela Universidade Federal do Pará (2014). É professora colaboradora da UFPA e do PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores) da mesma instituição, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Brasileira, Dalcídio Jurandir, Literatura da Amazônia e Ensino de Literatura.

“Crônica é qualquer crônica, ou uma crônica qualquer. Croniqueta é o nome científico da crônica curta, como pode parecer.[...] Cronicão é a crônica grande, substancial, com parágrafos gordos. [...] Grande crônica é o crônicaço. O crônicaço é consagrador. Seu autor sai na rua e deixa um rastro de cochichos – É ele, é ele.”

(Luiz Fernando Veríssimo)

A crônica nasceu e se desenvolveu ao longo dos séculos de maneira despretensiosa e mundana. Firmou-se no jornal onde encontrou o formato ideal para desenvolver suas principais características: o registro do calor da hora, do fato corriqueiro e a linguagem leve do cotidiano. Mais do que propriamente com a notícia do acontecimento do dia, a crônica se importava com o modo de contar o fato, permeando-o de imaginação, leveza e poeticidade. Assim, foi se transformando cada vez mais e se colocando no “entre lugar”, pois não pertencia nem ao jornalismo, nem à literatura, mas sim aos dois ao mesmo tempo. Esse seu caráter anfíbio, portanto, permitiu que o gênero transitasse por diversos espaços, fosse apropriado por vários escritores e acolhido por diferentes leitores. Além disso, favoreceu a congregação de uma miscelânea de outros gêneros, de características e de intencionalidades em seu interior. Criou-se um novo estilo, um misto de jornalismo e literatura que até hoje causa divergências entre os teóricos que tentam sistematizar o gênero. Nosso ponto de abordagem, portanto, parte de uma tentativa de demonstrar as transformações pelas quais esse tipo de texto passou ao longo dos anos e como diferentes teóricos se posicionaram diante desse caleidoscópio de peculiaridades existentes em sua composição.

Iniciando a discussão a partir da etimologia, verificar-se-á que a palavra “crônica” vem do grego *chronos*, relativo a tempo. Essa relação do vocábulo com as características do gênero não se dá por acaso. Na era medieval, a crônica era um relato cronológico de acontecimentos históricos, por isso, durante muito tempo, levou como rubrica “Crônica histórica” e o principal representante desse estilo foi Fernão Lopes. Segundo Moisés (1967),

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfonso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo

‘crônica’ cedeu vez a ‘história’, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo. (MOISÉS, 1967, p. 101)

Como podemos observar, Massaud Moisés apresenta a crônica por uma perspectiva histórica e explica que, a partir da própria origem da palavra, o gênero já focalizava a noção de tempo como uma de suas marcas e designava, desde o princípio, uma sequência de fatos cronológicos que se dedicava, sem muita profundidade, a informar o público leitor acerca dos acontecimentos diários. Atingiu o ápice depois do século XII, na França, Inglaterra, Portugal e Espanha, quando se aproximou da historiografia. A definição de Moisés beira a descrição que encontramos em muitos dicionários como o *Dicionário On-line Aurélio Buarque de Holanda* e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Ambos se complementam ao apresentarem a crônica como uma compilação de textos narrativos sobre acontecimentos históricos, agrupadas de maneira cronológica.²

É importante ressaltar que tanto Moisés quanto Aurélio Buarque de Holanda citam Fernão Lopes como um dos grandes representantes do gênero na era medieval em Portugal, justamente por seus textos oferecerem uma narrativa diferente das apresentadas por outros cronistas da época. Considerado o primeiro grande prosador português, Fernão Lopes³ teve um importante papel na historiografia portuguesa. A partir de suas crônicas, foi possível reconstruir a História de Portugal relativa ao período de D. Pedro I. Isso porque seus textos apresentam fortes descrições documentais sobre os fatos históricos do período: a Revolução de Avis; as intrigas amorosas de D. Pedro I e Inês de Castro, as quais se refletiram diretamente no plano político de Portugal; as minudências das guerras empreendidas, entre outros. Em suas crônicas, o prosador descreve os fatos históricos com tanto detalhe que fornece ao leitor uma imagem

² A) s.t. Coletânea de fatos históricos, de narrações em ordem cronológica: a "Crônica de D. Fernando", de Fernão Lopes. / Conjunto de notícias que circulam sobre pessoas: a crônica mundana. / Seção de um jornal em que são comentados os fatos, as notícias do dia: crônica política, teatral. / Gênero literário que consiste na apreciação pessoal dos fatos da vida cotidiana. / Estatística. Conjunto de valores que uma variável toma em diferentes épocas sucessivas. (Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Cronica.html>. Acessado em: 28/01/2014)

B) -1 HIST. Compilação de fatos históricos apresentados segundo ordem de sucessão do tempo [Originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres; entretanto, grandes escritores a partir do séc. XIX passam a cultivá-la, refletindo, e com argúcia, e oportunismo, a vida social, a política, os costumes, o cotidiano etc. do seu tempo em livros, jornais e folhetins.] – 2. Noticiário de fatos atuais. – 3. LIT Texto literário breve, em geral narrativo de trama quase sempre pouco definida e motivos, na maior parte extraídos do cotidiano imediato. – ETIM lat. *Chronica*, relato de fatos em ordem temporal, narração temporal, narração de histórias segundo a ordem em que sucedem no tempo. (HOUSSAISS, 2001, p. 887).

³ Nascido por volta de 1380, em Lisboa, e falecido aproximadamente em 1460, Fernão Lopes foi um dos primeiros cronistas-historiador português. Foi nomeado no reinado de D. João I, em 1418, o guarda-mor da Torre do Tombo, local que funcionava como um arquivo de documentos do Reino. Em 1419, o rei D. Duarte o encarregou de pôr em crônicas os feitos dos antigos reis de Portugal, o que culminou com a sua nomeação, em 1934, de cronista-mor do Reino, cuja atividade consistia em registrar profissionalmente as narrativas históricas do país e de seus soberanos. (Cf. MALEVAL, 1992, p. 115-116).

viva dos fatos ocorridos. Além disso, utiliza uma linguagem bastante clara e ordenada, equilibrada entre a razão e a emoção, sobretudo quando se refere à cidade de Lisboa, descrevendo-a cercada e saqueada por El-Rei de Castela e personificando-a diante do sofrimento de seus habitantes, assim como podemos conferir no excerto abaixo:

No dia 29 de maio, chegaram as naus de El-Rei de Castela que tinham sido armadas para vir de companhia com os galés. Eram ao todo quarenta, entre grandes e outras menores. Quando El-Rei soube que a frota das naus chegara, partiu logo ao outro dia do Lumiar com toda a sua hoste para acampar sobre a cidade, aonde chegaram à hora de terça. [...] Toda a cidade era dada, a desgosto, cheia de infelizes queixas, privada de todo o prazer, uns com grande míngua que padeciam, outros por terem dó dos atribulados. (LOPES, 1969, p. 261-297)

Complementando as afirmações de Moisés (1967), Flora Bender e Ilka Laurito (1993) afirmam que

A data de 1434 é um marco não só para a História como para a Literatura Portuguesa. E também para o gênero crônica: o cronista – que já vinha desde a Idade Média – passa a ser um escritor profissional, pago para trabalhar com a matéria histórica, matéria que deverá, de agora em diante, despojar-se do maravilhoso e do lendário, que se imiscuíam nos longos ‘cronicões’ medievais, para ater-se aos fatos e à interpretação desses fatos. Além de Fernão Lopes – considerado o melhor de todos – outros escritores assumiram a função de cronista-mor do Reino, até que, na altura do século XVI, e já em pleno Renascimento, a Historiografia se afirmasse como gênero definido. A palavra crônica, no entanto, ainda que, posteriormente, viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos. (BENDER; LAURITO, 1993, p. 11-12)

Esse fato é importante porque influencia diretamente na história do gênero no Brasil. Quando os portugueses investiram no empreendimento das Grandes Navegações rumo à descoberta de novas rotas marítimas, a escrita de crônicas, enquanto texto narrativo de caráter informativo, já era algo profissionalizado em Portugal. Tal prática chegou até nós por meio da carta de Pero Vaz de Caminha, encontrada na Torre do Tombo por Seabra da Silva, em 1773, e considerada o marco inicial de nossas letras. Nela, Caminha relata a El rei D. Manuel a “descoberta” das terras brasileiras, em 1500, e recria esse novo universo encontrado pelos lusitanos, cujo fascínio pelas exuberantes paisagens do novo mundo lhes forneceu matéria para a composição de textos com profundo teor artístico e jornalístico.

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe a matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível. [...]. Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a cultura primitiva. [...]. A história da nossa literatura se inicia, pois, com circunstância de um descobrimento: oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica. (SÁ, 1985, p. 7-8)

Jorge Sá entende que esse registro inicial da chegada dos portugueses no Brasil é o início também da nossa Literatura Brasileira, nascida da crônica e desenvolvida a partir dela, não somente por assinalar a imagem de um Brasil que acabava de recomeçar, mas também pela forma como esse território foi recontado pelo cronista em sua missiva. A linguagem é marcada por grande fantasia, deslumbramento e poeticidade, sem perder a marca do registro circunstancial e dos rastros jornalísticos encontrados em seu interior. É por isso, portanto, que Sá chega a considerar o documento de Caminha como o nascimento da nossa Literatura Brasileira. Contudo, tal fato não nos importa nesse momento, uma vez que o nosso interesse é entender como a crônica foi se consolidando em nossas letras.

A despeito disso, a acepção moderna da crônica começa a se manifestar somente no início do século XIX, com o avanço da imprensa jornalística, quando se liberta de sua conotação histórica e se aproxima cada vez mais do texto de qualidade literária. A partir de então, recebeu uma reformulação em sua estrutura e em seu conteúdo, adaptando-se às novas manifestações comunicativas emergentes no período – o folhetim.

Originário da França, *Le feuilleton* designava um pequeno espaço no rodapé dos jornais, no *rez-de-chaussée*, aberto a todo e qualquer tipo de assunto, literário ou não. Nesse espaço, eram oferecidos aos leitores pequenos artigos, resenhas de livros, curtas narrativas, piadas, receitas de cozinha ou de beleza, enfim, era um lugar destinado ao entretenimento, conforme afirma Meyer (1985).

Le feuilleton designa um lugar preciso do jornal: rez-de-chaussée – rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento. E já se pode dizer que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, que é oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela modorra cinza a que obrigava a forte censura napoleônica. [...] Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas de modalidade de diversão escrita. (MEYER, 1985, p. 19)

No século XIX, a crônica adentrou os espaços do jornal como folhetim e começou, cada vez mais, a se consolidar nas letras brasileiras. Nesse espaço de rodapé do jornal era publicado qualquer texto que não se enquadrasse nas exigências jornalísticas, por isso, o conto, a crônica, o romance e a novela se mesclavam entre si, disputando a atenção do público leitor da época.

Com o passar do tempo, a coluna folhetim, que antes abrigava os mais variados gêneros, desde uma receita de bolo até um noticiário sobre os últimos acontecimentos, foi sofrendo algumas modificações no seu formato e no seu conteúdo. O espaço passou a se intitular **Folhetim**⁴, priorizando a publicação de romances, o chamado Romance-folhetim. Com isso, os conteúdos variados, que antes recheavam esse pequeno espaço no rodapé do jornal, passaram para o interior do periódico com a rubrica “Variedade”, mas sem perder sua força. Ainda em um espaço nobre do jornal, a coluna recreativa continuou fazendo parte da vida dos leitores cotidianamente. Aos poucos, foi diminuindo de tamanho e incorporando uma linguagem mais elaborada, ainda que corriqueira. Além disso, afastou-se do caráter informativo, deixando aflorar a poeticidade da palavra. A respeito disso, Candido afirma que

Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim.” [...] Aos poucos o folhetim foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho até chegar ao que é hoje. Ao longo deste percurso, foi largando cada vez mais a intenção de informar e comentar (deixada a outros tipos de jornalismo), para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro. (CANDIDO, 1979, p. 7)

Percebemos que o gênero tem vida longa e o seu amadurecimento hoje se deve justamente às várias transformações pelas quais passou ao longo dos anos. Há, na História da Literatura Brasileira, um expressivo número de escritores que se dedicou à composição de crônicas. Ainda no século XIX, quando o gênero vinha misturado com outras matérias, no rodapé dos jornais, José de Alencar iniciou sua trajetória literária com suas crônicas de *Ao Correr da pena*, série de folhetins publicada no *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Nesse

⁴ Narrativas apresentadas no jornal em fatias. Essa estratégia foi criada na França, em 1836, por Émile Girardin, com o objetivo de alavancar as vendas dos jornais daquela época, uma vez que os leitores, envolvidos com a narrativa que lhes era apresentada todos os dias, não hesitavam em comprar o exemplar seguinte para ler a continuidade da trama (Cf. NADAF, 2002).

espaço, o jovem escritor misturava a rigidez do gênero informativo – notícias dos últimos acontecimentos – com a leveza e o requinte da linguagem literária. Eram textos permeados por descrições enlevadas da natureza e por adjetivações exuberantes, como se pode perceber em uma de suas crônicas publicada no mesmo jornal, na qual o folhetinista discorre sobre a inauguração do Jockey Club, em 1854, ambiente destinado à corrida de cavalos:

Fazia uma bela manhã: – céu azul, sol brilhante, viração fresca, ar puro e sereno. O dia estava soberbo. Ao longe o campo corria entre a sombra das árvores e o verde dos montes; e as brisas da terra vinham impregnadas da deliciosa fragrância das relvas e das folhas, que predispõe o espírito para as emoções plácidas e serenas. (ALENCAR, 1854)

Assim como Alencar, Machado de Assis também não ficou de fora dessa produção folhetinesca que hoje conhecemos como crônica. Ele, cedo, tomou consciência dos benefícios profissionais que essa produção poderia lhe trazer e não deixou de fazer história também com esse gênero, publicando-o em vários periódicos do Rio de Janeiro, como *A semana*, *Gazeta de notícias*, *O espelho*, entre outros. Logo nos primeiros textos, já é possível vislumbrar o olhar irônico com o qual o escritor enxergou a sociedade do século XIX e as fraturas da vida burguesa, marcas registradas do romancista. O ar de conversa e as abordagens dos aspectos sociais que Machado imprimia aos textos o distanciaram um pouco do estilo pomposo de Alencar e o aproximaram dos cronistas modernos, que mais tarde aperfeiçoariam o gênero. Assim, podemos observar no excerto abaixo, no qual o autor fala da condição feminina na sociedade da época, dois tipos de mulheres, cuja posição social se reflete diretamente em suas personalidades. De um lado, as que são criadas para os elegantes salões e, do outro, a grande massa ignorante, cuja instrução lhes foi negada desde cedo. É, portanto, sobre a maneira como se orienta a educação feminina na sociedade oitocentista que o escritor se detém, incentivando uma transformação desse modelo educacional.

Vindo à nossa sociedade brasileira, urge dar à mulher certa orientação que lhe falta. Duas são as nossas classes feminis, — uma crosta elegante, fina, superficial, dada ao gosto das sociedades artificiais e cultas; depois a grande massa ignorante, inerte e virtuosa, mas sem impulsos, e em caso de desamparo, sem iniciativa nem experiência. Esta tem jus a que lhe deem os meios necessários para a luta da vida social; e tal é a obra que ora empreende uma instituição antiga nesta cidade, que não nomeio porque está na boca de todos, e aliás vai indicada noutra parte desta publicação. (ASSIS, 1881)

Assim como Alencar e Machado, muitos dos escritores, de menos expressividade hoje, se utilizaram desse meio para se destacarem no cenário literário e aperfeiçoarem suas habilidades de escritores de prosa de ficção. Isso porque o espaço exigia maior dedicação dos folhetinistas, já que as inovações do processo de modernização no século XIX e os elementos do passado, que ficavam para trás, se confluíam cada vez mais, conferindo maior complexidade e heterogeneidade a esse gênero, conforme afirma Arrigucci Júnior.

Na maioria desses autores dos primeiros tempos, a crônica tem um ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios linguísticos de penetração e organização artística: é que nela afluíam em meio ao material do passado, herança persistente da sociedade tradicional, as novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país, de que o jornal era um dos instrumentos. [...] Como sempre, Machado de Assis entrou a fundo no material folhetinesco. Percebeu logo a liga do útil e do inútil que fazia sua graça. (ARRIGUCCI JÚNIOR, 1985, p. 47-48)

Na primeira metade do século XX, o país assistiu a um intenso processo de modernização, cujos reflexos se deram diretamente na arte renovadora que começou, então, a se formar – o Modernismo –, bem como na própria maneira de gerenciar a imprensa periódica da época. Os problemas sociais trazidos por esse acelerado crescimento industrial e cultural, o surgimento do rádio, a eclosão da primeira Guerra Mundial e as discussões sobre a identidade nacional foram as principais marcas desse momento histórico. Na literatura, a linguagem passou por um processo de renovação, aproximando-se do coloquialismo e da oralidade. No jornal, mudou para um tom mais ligeiro, descompromissado e sedutor. A rapidez da vida moderna exigia uma rapidez também desse registro diário, cuja principal função era atingir aquele leitor apressado da grande cidade. A abordagem da vida cotidiana tomou forma mais simples, criativa e leve. Ficou mais poético falar do real e mais interessante também.

Foi nesse período que surgiram diversos nomes importantes como Mário de Andrade (1893-1945), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Alcântara Machado (1901-1935), Rachel de Queiroz (1910-2003), entre outros, os quais deram continuidade às transformações da crônica no Brasil. Já na segunda metade do século XX, o gênero já havia se instalado nas letras brasileiras e ganhado força cada vez maior. Novos escritores, mais conhecidos por suas produções de romances, poesias e/ou contos, passaram a se dedicar à composição de crônicas também, acabando por, em alguns casos, se consagrarem com a criação desse gênero. Nomes como Sérgio Porto (1923-1968), Carlos Heitor Cony (1926), Eneida de Moraes (1904-1971), Nelson Rodrigues (1912-1980) e Rubem Braga (1913-1990) aperfeiçoaram seus estilos como

cronistas e ajudaram a consolidar o gênero como tipicamente nacional. De acordo com Candido e Castello (2006, p. 33),

Nesta fase [1930-1945] se desenvolve um gênero em que sempre tivemos bons escritores, desde os “folhetinistas” do tempo do Império: a crônica, livre e ocasional, que vai aos poucos se tornando lírica, aderente ao fato, ao devaneio e a emoção, e que conheceria em nossos dias uma voga que a coloca como o mais popular dos gêneros. Cultivada pelos poetas, como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, encontrou o seu grande “especialista” e de certo modo o seu clássico em Rubem Braga, senhor de um dos estilos mais límpidos e expressivos da nossa literatura contemporânea. (CANDIDO; CASTELLO, 2006, p. 33)

Seguindo essas tendências do momento, a crônica incorporou a sua estrutura aspectos da oralidade e, em certos casos, chegou a misturar elementos da antiga tradição oral (contador de causos) com elementos da fala dos grandes centros urbanos, conforme o fez Rubem Braga. Enquanto que no século XIX a linguagem da crônica passava por exuberantes descrições dos fatos do dia a dia, com Braga, o vocabulário usual, aliado ao ritmo acelerado da fala, passou a fazer parte das características do gênero. Além disso, com sua arte narrativa voltada para os flagrantíssimos da vida diária, a qual ele reveste de lirismo e de simplicidade, resolveu a tensão, tão característica da crônica, entre o mundo imaginariamente recriado e o fato puramente circunstancial. Para melhor visualizar essa mudança pela qual o gênero passou, observa-se um trecho do texto *Luto da família Silva*, de Rubem Braga (1979), a partir do qual se pode apontar para o embate entre a pomposa e fantasiosa elocução de José de Alencar, ao descrever a inauguração do Jockey Club, e a simples e descompromissada linguagem do velho Braga, ao tratar da morte de mais um brasileiro que tem como epitáfio apenas a rua onde morou. A crônica se constrói por meio de períodos curtos e secos que proporcionam rapidez e tensão na fala do narrador, ao relatar um fato dramático, mas ao mesmo tempo banal.

A Assistência foi chamada. Veio tinindo. Um homem estava deitado na calçada. Uma poça de sangue. A assistência voltou vazia. O homem estava morto. O cadáver foi removido para o necrotério. Na seção dos “Fatos Diversos” do *Diário de Pernambuco*, leio o nome do sujeito: João da Silva. Morava na rua da Alegria. Morreu de hemoptise. (BRAGA, 1979, p. 44)

Nesse trecho, chama-se atenção para o estilo leve e corriqueiro, ainda que envolvente, com o qual o cronista expõe o caso, diferente, portanto, do estilo grandiloquente e sonhador de José de Alencar. Além disso, observamos a presença de uma atmosfera ficcional, fato muito comum nas crônicas do século XX. Alguns cronistas do novo milênio se aproveitam da liberdade literária para recriar a própria realidade, sem se prender, necessariamente, a um

acontecimento verídico. Como um bom contador de história, o narrador recria um fato com tanta verossimilhança e harmonia com a realidade que coloca em cheque o caráter ficcional da crônica, que deixa de estar vinculada somente ao fato verídico para adentrar na esfera das narrativas ficcionais. É por isso que, a partir de Rubem Braga, o gênero tomou um novo direcionamento, pois a barreira entre o ficcional (arte) e o noticiário (jornalismo) foi desfeita e o cronista passou a ter mais liberdade e autonomia para contar ou recriar o circunstancial.

No que se refere às realidades nacionais, poucos momentos da literatura brasileira se propuseram a discutir com tanta profundidade e afinco os problemas sociais e políticos pelos quais o país passava, assim como fez o Modernismo. Na arte moderna, as enfermidades do país foram não somente destacadas, como também obstinadamente discutidas. Muitos intelectuais enveredaram pelo ramo da literatura engajada e fizeram de sua arte uma arma de denúncia dos problemas políticos e sociais do país. Obviamente que esses aspectos foram representados sobretudo nos romances e na poesia. Contudo, é importante ressaltar que essas transformações no cenário nacional também respingaram nos demais gêneros, como, por exemplo, na crônica.

É sintomático o número de revistas literárias e de jornais que surgiram no segundo momento do Modernismo – 1930-1945 –, cujo corpo editorial era composto por nomes importantes da literatura e do meio intelectual. Ainda que isso não seja uma novidade, uma vez que no período inicial da estética também houve a aparição de muitas revistas e manifestos, eles tiveram maior duração que os dos decênios anteriores. Em meio a esses periódicos, destacam-se a *Revista Nova*, cuja estreia marca a nova fase do Modernismo; a revista *Lanterna Verde*, valoroso órgão de difusão da literatura; a *Revista do Brasil*; o importante jornal literário *Dom Casmurro* e o combativo semanário *Diretrizes*. Nesses periódicos, houve uma intensa publicação de crônicas e de artigos de opinião, principalmente por aqueles intelectuais de postura mais combativa diante dos acontecimentos sociais. Com isso, abriu-se espaço para um novo caminho para a crônica moderna, agora mais voltada para os problemas sociais.

Muitos desses jornais e revistas eram engajados politicamente e utilizavam suas páginas para propagandear ou criticar determinada ideologia política. Bastava conhecer o corpo editorial e folhear algumas de suas páginas para perceber a postura política adotada pelo periódico. Eram páginas recheadas de textos opinativos, assinados, muitas vezes, por nomes consagrados da intelectualidade brasileira. Esses textos, classificados como crônicas pelos próprios escritores, tinham a engenhosa função de movimentar a população contra ou a favor de seus ideais políticos. Nesse momento, no qual o país vivia um intenso processo de mudança

e luta política⁵, qualquer texto simples, de caráter informativo/opinativo, enquadrava-se na categoria de crônica. Era uma herança trazida do século anterior, onde o gênero ainda se misturava às outras matérias do jornal pela coluna “variedades”. Nessa coluna, falava-se de tudo, registravam-se os acontecimentos semanais, discutiam-se a política e a economia do país e/ou enviavam-se cartas para o escritor do romance-folhetim do momento, a fim de que este mudasse o final de sua narrativa. Diante disso, percebemos que, mesmo tendo passado por muitas transformações ao longo dos anos, ainda era possível encontrar, nos jornais do século XX, crônicas que mantinham um caráter mais voltado para a esfera jornalística.

É por isso que muitos estudiosos do campo jornalístico classificam a crônica como um dos gêneros de caráter opinativo, cuja diferenciação dos outros gêneros se dá por meio dos aspectos linguísticos e técnicos. Segundo Pereira (2004), cada gênero jornalístico empreende uma linguagem específica em sua estrutura, entretanto, um texto enquadrado na categoria de gênero opinativo, como a crônica, pode apresentar tanto aspectos informativos, quanto interpretativos, o que dificulta sua sistematização. É por essa razão, portanto, que ao observamos a utilização desse tipo de texto é fundamental não levarmos em consideração somente o fato de ele estar ou não exprimindo um pensamento ou opinião sobre um fato, embora isso seja importante. É fundamental que se observem, também, outros aspectos, como a própria intenção do autor e a linguagem.

O importante é perceber que os gêneros, opinativos ou informativos, demonstram um certo limite na produção de enunciados linguísticos, sem dar ao leitor amplas possibilidades de “compreender” o texto jornalístico. Isso não acontece com a crônica, porque ela não está presa às regras estabelecidas para a concepção das categorias do jornalismo contemporâneo. (PEREIRA, 2004 p.140)

Ao compor uma crônica, o autor certamente buscará, mais do que convencer o leitor sobre seu ponto de vista, envolvê-lo com a grandeza da linguagem poética, criando uma imagem na qual a emoção do seu leitor seja instigada. A crônica tem uma especificidade em relação a outros gêneros jornalísticos porque é detentora de uma grande riqueza semântica e linguística, o que presenteia o leitor com um universo de possibilidades significativas.

Antes folhetim e depois crônica propriamente dita. Ontem lida como uma matéria entre muitas outras, em um rodapé do jornal; hoje companheira diária e indispensável ao cotidiano

⁵ A Era Vargas (1930-1945): 1) Governo Provisório (1930-1934); 2) Governo Constitucional (1934-1937); 3) Estado Novo (1937-1945); 4) A ascensão da ideologia fascista (com o surgimento da AIB); 5) Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Luta Comunista.

do leitor. Esse foi o percurso pelo qual esse gênero passou. Teve no Brasil um desenvolvimento peculiar e original a ponto de constituir um gênero propriamente literário. Isso porque, apesar de sua aparente simplicidade, ele absorve, em sua constituição, um número infindável de gêneros não-literários (artigos de opinião, nota informativa, reportagens, anúncios, piadas, entre outros). Essa penetração de outros pequenos gêneros na crônica lhe confere maior flexibilidade e heterogeneidade, bem como maior complexidade interna. Além disso, a elegância da linguagem que o alicerça, seja pela poeticidade, seja pelo humor sutil, é outra premente marca do gênero que lhe permitiu um espaço no meio literário.

A crônica se ajusta ao natural percurso da vida cotidiana com uma linguagem mais próxima da conversa entre amigos. É como se o cronista visse o movimento da vida a partir de uma lupa e mostrasse ao leitor a grandeza naquilo que, aparentemente, é insignificante: a briga entre vizinhos, a ausência de um botão na camisa do Office boy, o nervosismo da garota que se dirige a uma entrevista de emprego, a decepção do vendedor de bombons no fim do dia, entre outros. São textos curtos, abordando pequenas coisas da vida diária que intrigam o olhar do cronista e fazem com que ele as destaque e as cubra de poesia. Por isso, é o gênero mais próximo do leitor atual que, em meio ao turbilhão da vida moderna, ameniza a correria diária com a leitura de um bom texto, seja no sofá da sala, depois do cansativo dia de trabalho, seja na fila de espera de um banco.

Como foi pensada para o jornal, veículo diário e com breve duração, a crônica tem vida curta e seu tempo é o presente. Diferente do romancista, que tenta ultrapassar as barreiras do tempo e se perpetuar na memória do leitor, o cronista não detêm tanta pretensão, já que tem a consciência de que seu texto será descartado no final do dia. Portanto, sua intenção não é a durabilidade do seu texto, mas sim o entretenimento diário no jornal, uma vez que sua crônica divide espaço com noticiários enfadonhos e fadigosos. Dessa forma, o escritor precisa atrair o leitor em um curto espaço de tempo, tendo como estratégia de sedução a linguagem, aspecto sobre o qual discorreu Lajolo (2008):

Geralmente ocupando página e lugar fixo – por exemplo, sempre no rodapé, ou sempre na parte superior da página –, a crônica divide seu espaço com noticiários e com anúncios na humildade de um jornal, que se compra pela manhã para se jogar fora de noite. É ao compasso da leitura rápida e superficial que geralmente dedicamos ao jornal que a crônica precisa nos seduzir. Funciona como uma espécie de prêmio ao leitor do jornal, espaço de beleza e de alegria, respiro de ficção ou de poesia, intervalo de humor e de inventividade. A crônica cintila em meio a classificados, manchetes e editoriais. (LAJOLO, 2008, p. 14)

É importante salientar que, embora seja filha do jornal e, portanto, herdeira dessa brevidade inerente a ele, a crônica veio nos últimos anos ultrapassando as barreiras do anonimato no instante em que conheceu outro suporte – o livro. Ao acolhê-la, o livro lhe conferiu maior destaque no cenário literário e, se não a igualou, no mínimo a aproximou dos gêneros maiores da prosa de ficção – o conto, o romance e a novela. Contudo, não se pode deixar de reconhecer que esse acolhimento trouxe algumas mudanças para o gênero. É natural, uma vez que não há como desprender o texto do seu suporte, pois este o influencia diretamente, conforme nos mostra Chartier (1999).

Reconstruir em suas dimensões históricas esse processo de “atualização” de textos exige, inicialmente, considerar que as suas significações são dependentes das formas pelas quais eles são recebidos e apropriados por seus leitores (e editores). Estes últimos, de fato, não se defrontam jamais com textos abstratos ideais e desprendidos de toda materialidade: manejam ou percebem objetos e formas cujas estruturas e modalidades governam a leitura (ou a escuta) procedendo à possível compreensão do texto lido (ou ouvido). Contra uma definição puramente semântica do texto – na qual residem não apenas a crítica estruturalista, em todas as suas variantes, mas também as teorias literárias mais cuidadosas de reconstruir a recepção das obras – é preciso levar em conta que as formas produzem sentidos e que um texto, estável por extenso passa a investir-se de uma significação e de um *status* inédito, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação. (CHARTIER, 1999, p. 12-13)

Na passagem para o livro, a crônica perdeu uma de suas principais funções para o qual foi criada: contrabalancear os enfadonhos e fadigosos anúncios dos jornais, com textos leves e descontraídos. Com isso, a dual sensação do deleite na leitura de uma boa crônica e da monotonia provocada pelo texto, que dividia lugar com ela no espaço do jornal, ficou comprometida. Além disso, não se pode esquecer que o tempo da crônica é o presente, portanto, ao passar para as páginas do livro, o feliz encontro entre o motivo pelo qual ela foi escrita e a sensibilidade do cronista ao enxergar o fato presente fez com que o gênero perdesse um pouco a sua peculiaridade e o seu encanto. Outra grande mudança aconteceu no seu aspecto circunstancial. Ao mudar de suporte, há uma seleção por parte dos editores ou organizadores da coletânea, o que faz com que os textos com excessiva marca de tempo sejam excluídos, a fim de que as crônicas escolhidas para a publicação final não fiquem datadas e tenham vida longa. Talvez esse seja o motivo pelo crescimento, nos últimos anos, de crônicas mais próximas de narrativas ficcionais, semelhantes aos contos.

Apesar disso, a crônica ganhou outras vantagens, além do destaque no cenário literário e a vitória contra o efêmero. Com a mudança de suporte, a atitude diante do texto mudou, pois

o consumidor apressado do jornal, ávido por várias informações presentes no periódico, se diferencia desse novo leitor descansado, despreocupado e dono do seu próprio livro. Uma vez comprado o livro, esse último leitor tem a possibilidade de guardá-lo para reler mais tarde, no momento que melhor lhe aprouver. Esse ritual lhe amplia as possibilidades interpretativas e permite um diálogo não somente com o momento em que o texto foi escrito, mas com o próprio momento da leitura. A respeito disso, Sá (1985) afirma que

Nessa mudança de suporte, que implica a mudança de atitude do consumidor, a crônica sai lucrando. As possibilidades de leitura crítica se tornam mais amplas, a riqueza do texto, agora liberto de certas referencialidades, atua com maior liberdade sobre o leitor – que passa a ver novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura. (SÁ, 1985, p. 44)

Percebemos que a crônica não se produz em uma única direção, mas tem em sua história e composição uma série de meandros e ramificações que conferem a esse gênero magnitude e charme. É ambígua e, por essa razão, difícil de ser, sistematicamente, compreendida. Por isso, muitos estudiosos arriscaram algumas classificações, na tentativa de compreendê-la. Para esse trabalho, entretanto, procuramos não nos deter a esses rótulos por entendermos que isso acaba por limitar, em certa medida, o estudo desse gênero. Assim como não nos prendemos em apresentar diferentes conceitos, pois não há muita dissonância entre os estudiosos contemporâneos. Basicamente, há um consenso, em certa medida, no que cada um entende ser a crônica.

Como se pôde perceber, a crônica foi um gênero que não nasceu grande, mas ao longo do tempo veio amadurecendo e ganhando seu lugar na História da Literatura. Talvez por não ter tido a mesma trajetória que os outros gêneros, ou até mesmo, como afirma Candido (1993), por não terem concedido grandes prêmios literários a escritores que se detiveram a esse tipo de texto como foco de criação artística, a crônica seja um gênero menor. Assim classificou o crítico.

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. (CANDIDO, 1993, p. 30)

Contudo, até que ponto podemos compartilhar dessa classificação? É possível pensar a crônica como um gênero menor em virtude de não terem concedido prêmios importantes aos seus representantes? Será mesmo que devemos deixar de lado a densidade literária tão presente

nesses textos, sem a qual não seria possível enquadrar a crônica como texto literário? É ela, a linguagem, que dá vida e nome ao gênero. Devemos ignorar também a liberdade que o cronista tem para brincar com a realidade e a fantasia ao mesmo tempo? Temos de fechar os olhos diante da simplicidade e, ao mesmo tempo, da sedutora maneira com as quais o escritor narra o fato corriqueiro? E sua singular maneira de ver a vida e transformá-la em palavras leve e descontraída? Não preenche no leitor aquilo que ele busca ao tirar um romance, um conto, uma novela ou uma poesia de uma prateleira de livros?

Não é o gênero que é menor ou menos belo e complexo que os demais, nem tampouco os cronistas menos artistas que os romancistas, contistas e poetas, mas sim o tímido destaque que a História Literária deu a quem se dedicou a tal produção que provocou esse “rebaixamento” do gênero. Com exceção de Rubem Braga, os outros cronistas não se consagraram com a criação de crônicas, mas sim com a produção de romances, de contos e de poesia, porém isso não quer dizer que não foram competentes em suas crônicas também. Além disso, o modo como cada escritor se apropria do gênero e o desenvolve é que pode deixá-lo menor ou maior. A crônica cresce nas mãos de quem sabe conduzi-la, assim como pode diminuir em mãos não tão sintonizadas com ela. Talvez por não ter tido a pretensão de chegar tão longe, como prêmio, a crônica alçou voos tão altos e vem conquistando um importante lugar no cenário literário, bem como no gosto de quem a lê, uma vez que agradou desde o mais exigente ao mais flexível leitor. Portanto, menor ela não é, serve à vida nos seus mínimos detalhes, cobrindo-os de leveza e de poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSIS, Machado. *Cherchez la femme*. Obra Completas de Machado de Assis, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994.

ALENCAR, José. *Ao correr da pena*. São Paulo: 17 de Set. 1854. Instituto de Divulgação Cultural. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/literatura/obras_completas_literatura_brasileira_e_portuguesa/JOSE_ALENCAR/CORRERDAPENA/CORRERDAPENA.PDF. Acessado em: 20/08/2015.

ARRIGUCCI JÚNIOR, David. Fragmentos sobre a crônica. In: *Boletim bibliográfico/Biblioteca Mário de Andrade*, v. 45, n. 1/4. São Paulo, 1985.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. *Crônica – História, Teoria e Prática*. São Paulo: Scipione. Col. Margens do texto, 1993.

BRAGA, Rubem. Luto da família Silva. In: *Para gostar de ler: crônicas/ Carlos Drummond de Andrade et al.* v. 5. São Paulo: Ática, 1979.

CANDIDO, Antonio. *Recortes – A vida ao rés do chão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

HOUSSAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAJOLO, Marisa. Um Cronista no coração das coisas. In: VERÍSSIMO, Luiz Fernando. *Mais comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis, de variedades e folhetins se fez a chronica. In: *Boletim bibliográfico/ Biblioteca Mário de Andrade*, v. 45, n. 1/4. São Paulo, 1985.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária : Prosa II*. 6. ed. São Paulo: Cutrix, 1967.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso*. Salvador: Calandra, 2004.

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. In: *Boletim bibliográfico/ Biblioteca Mário de Andrade*, v. 45, n. 1/4. São Paulo, 1985.

SARAIVA, J. Antonio. *As crônicas de Fernão Lopes*. 2. ed. Lisboa: Portugália, 1969.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1985.

Recebido em: 14-12-16

Aceito em: 02-04-17